



Outorga do Título de Professor Emérito a

José Sebastião Witter





Paulopolitana Universitas
Philosophiae Litterarumque Humanarumque
Scientiarum Facultas

Ego, Doctor Sedi Hirano, Philosophiae Litterarumque
Humanarumque Scientiarum Facultatis Moderator in
Paulopolitana Universitate, cum actum vidissem et perle-
gisssem quod ab huius Facultatis Magistrorum Collegio ante diem
quartum decimum Kalendas Ianuarias anno MMIII praeclearus uir

José Sebastião Willer

Historiae peritissimus,

Professor *Ex* merito

rite declaratus est, hoc diploma ei dedi, ut omnibus honori-
bus privilegiisque cum dignitate eius cohaerentibus et
quidem sollemniter collatis iure uti ac perfrui posset.

Datum Facultatis in Actibus ante quintum diem
Kalendas Decembres anno MMIII.

Sedi Hirano
Facultatis Moderator

José Clóvis de Medeiros Lima
Facultatis ab Actis

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR: Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - AÇÃO - FFLCH

Coordenação

Eliana Bento da Silva Amatuzzi Barros – MTb 35814

SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E IMPRENSA - SDI

Projeto Gráfico, Diagramação

Dorli Hiroko Yamaoka – MTB 35815

ARTES GRÁFICAS – FFLCH

Coordenação

João Fernando Querido Salvado

Tiragem – 350

Janeiro de 2005

Cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito

PROF. DR. *JOSÉ SEBATIÃO WITTER*

Data: 27 de novembro de 2003
Horário 13h30
Local: Rua do Logo, 717 - Cidade Univeristária
Prédio da Administração – Salão Nobre
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas/USP

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Prof. Dr. José Sebastião Witter. — São Paulo : SDI/FFLCH/USP, 2005. 32p. (Série Eméritos).

Apresentação por Eni de Mesquita Samara; Discursos por Eni de Mesquita Samara, José Sebastião Witter; Considerações Finais por Sedi Hirano; Carta de Eulógio Emílio Martinez Filho

ISBN 85-7506-104-6

1. Ensino Superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Witter, José Sebastião II. Samara, Eni de Mesquita III. Hirano, Sedi IV. Martinez Filho, Eulógio Emílio V. Série

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
<i>PROFA. DRA. ENI DE MESQUITA SAMARA</i>	
DISCURSO DE SAUDAÇÃO	9
<i>PROFA. DRA. ENI DE MESQUITA SAMARA</i>	
DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO	15
<i>PROF. DR. JOSÉ SEBASTIÃO WITTER</i>	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
<i>PROF. DR. SEDI HIRANO</i>	
CARTA AO PROF. JOSÉ SEBASTIÃO WITTER, AO PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, ENVIADA PELO	29
<i>DR. EULÓGIO EMÍLIO MARTINEZ FILHO</i>	

APRESENTAÇÃO

*F*ormado em História no ano de 1961 pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o professor José Sebastião Witter voltou suas pesquisas acadêmicas para temas nos quais hoje é referência obrigatória, tais como a história paulista e também do futebol.

Esse interesse por assuntos ligados ao interior do Estado de São Paulo aparece de certa forma na sua trajetória desde a origem, pois nasceu na pequena cidade de Fernando Prestes. Com vinte anos de idade, lecionava no ensino primário da cidade de Mogi das Cruzes, onde passou a sua juventude. Também foi professor secundário, aprovado em primeiro lugar em Concurso de Ingresso ao Magistério Secundário e Normal do Estado de São Paulo, no ano de 1961.

Em 1968, defende sua tese de mestrado, *Um Estabelecimento agrícola da Província de São Paulo nos meados do Século XIX*, cuja orientação coube ao professor Sérgio Buarque de Holanda. Seu doutorado, *Primeira tentativa de organização partidária na República: o partido republicano federal (1893-1897)*, foi defendido no ano de 1971 e teve como orientadora a professora Nícia Villela Luz. No ano de 1982 apresenta sua Tese de Livre-Docência, *Arquivos e história - o arquivo do Estado de São Paulo na administração e na história*, e, em 1994 torna-se Professor Titular da nossa Faculdade, 30 anos após o seu ingresso como docente na FFLCH.

Além da sua atuação como docente e historiador, o professor José Sebastião Witter ocupou diversos cargos administrativos dentro e fora da USP. Foi diretor do CAPH, de 1989 a 1992, do Instituto de Estudos

Brasileiros (IEB), de 1990 a 1994, locais onde sempre mostrou espírito inovador e competência. Entre os anos de 1994 a 1999, esteve à frente do Museu Paulista, período em que liderou o restauro de sua sede. Foi ainda supervisor do Arquivo do Estado de São Paulo, de 1977 a 1987, liderando projetos, publicações e reformas. Hoje, é assessor da presidência da Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) para projetos especiais.

“São-paulino desde o tempo de Leônidas”, como ele próprio declara, recebe agora o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e não serão em poucas linhas que resumiremos a sua importância na construção do pensamento crítico brasileiro, cujo reconhecimento motivou a outorga do título pela nossa Faculdade.

PROFA. DRA. ENI DE MESQUITA SAMARA
VICE-DIRETORA DA FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

PROFA. DRA. ENI DE MESQUITA SAMARA

Quero dizer que para mim é uma honra estar aqui nesse momento, encarregada de fazer a saudação ao Prof. Dr. José Sebastião Witter que recebe, nessa cerimônia o merecido título de Professor Emérito da FFLCH/USP e eu agradeço aos meus colegas do Departamento de História por terem indicado o meu nome para essa incumbência, em nome da Congregação da nossa Faculdade. Incumbência que eu entendo como um privilégio, de poder refletir sobre a trajetória acadêmica de um intelectual que sempre deixou marcas da sua competência nas mais variadas atividades que exerceu ao longo dos anos em que esteve cotidianamente conosco. Incumbência que eu também aceitei com alegria pois além de poder falar do professor, do colega e do excelente administrador permite expressar a minha admiração pela figura humana amiga, solidária, exemplar, presente, sempre disposta a ouvir e a compartilhar os bons e os maus momentos.

Witter (se me permite usar aqui algumas vezes essa forma coloquial mas respeitosa com que todos nós o chamamos), eu não fui sua aluna de graduação, já que cursei Brasil Independente com a Profa. Nícia Vilela Luz em um ano no qual fazíamos a opção por Império ou República, mas a sua sala sempre esteve de portas abertas para receber os estudantes que o procuravam com frequência para conversas e aconselhamentos. Ali você estava todos os dias, tal como uma figura guardiã da-

quele prédio na sala próxima ao café, de onde saía vestindo o guarda-pó branco, impecável para dar aula. Bons tempos, lembranças, falas e imagens guardadas nos arquivos da memória que me ajudam a recompor o seu perfil de professor que inovava nas técnicas de ensino e já pensava em criar formas de incluir no nosso currículo procedimentos interativos, adotados no curso de Brasil República e que pressupunha um acompanhamento minucioso das leituras bibliográficas, com cobranças sistemáticas aos alunos.

Lembro que me explicou tudo isso longamente, com entusiasmo, mostrando o material organizado com os roteiros específicos para cada tema, e que só hoje entendo como um posicionamento diante da História, especialmente enquanto disciplina, num momento em que livros como os de Patrick Gardiner (*Teorias da História*) eram leitura obrigatória entre os alunos de graduação, e em que muito se discutia de forma crítica sobre a natureza do processo histórico e da metodologia historiográfica. Mas, qual é o significado, o verdadeiro lugar que a figura do professor ocupa nessa reflexão ao lado do historiador e do administrador competente?

Para mim, sem dúvida, ela é fundamental, pois, ao meu ver, permite recompor os elos de uma trajetória bastante complexa, que faz inclusive a conexão entre a universidade e a comunidade. E é esse perfil inovador, mas com uma grande disciplina para o trabalho, que aparece desde o início da sua carreira e que permite entender o “Witter” enquanto diretor do CAPH, Centro de Apoio à Pesquisa Histórica, do IEB, Instituto de Estudos Brasileiros, do Arquivo do Estado de São Paulo e também do Museu Paulista. E se todos, de modo geral, conhecem os resultados da sua atuação vibrante e eficaz, que é visível por onde passou, pois empreendeu reformas, criou novas condições de trabalho, soube gerenciar e buscar recursos, o que demonstra essa aptidão nata para coordenar e administrar talvez não tenham a mesma dimensão do seu trabalho intelectual. Quase como se ao aceitar esses desafios e ao revelar competência tenha apenas que ser lembrado a partir desse viés.

No entanto, ao meu ver, a concessão do título de Professor Emérito da FFLCH/USP agrega muito mais, permitindo recompor ao longo do tempo a trajetória intelectual de um professor, que com a sua maneira de pensar a História e a própria vida, foi exemplo para os alunos, formou novas gerações de estudiosos, participou de equipes de pesquisas internacionais, escreveu trabalhos científicos que são referência e participou ativamente de fóruns nacionais e no exterior.

Quando estive à testa de instituições, propiciou a realização de acordos e convênios, implementou a atividade de pesquisa, possibilitou a organização de acervos e dedicou-se ainda à promoção de eventos e de publicações. E quem não se lembra do carinho com que recebia os pesquisadores no Arquivo do Estado de São Paulo mostrando os planos que tinha especialmente na publicação de originais de época. Era um diretor presente resolvendo os problemas burocráticos e cotidianos, que pensava na infra-estrutura mas que em nenhum momento se distanciou do apreço pelo ofício do historiador.

Sendo assim, não é difícil imaginar porque a figura do professor ficou gravada de modo tão marcante entre nós, alunos da Faculdade, nos finais dos anos sessenta e que inúmeras vezes recorremos aos seus préstimos já como alunas de pós-graduação e colegas da mesma disciplina. Dessa forma, também não é difícil imaginar porque o professor Witter foi exemplo, na forma de conduzir a vida acadêmica, de abrir oportunidades para que outros crescessem, de pensar a universidade como o local do saber mas principalmente como o da circulação das novas idéias, da interlocução e do debate democrático.

E é por isso que eu lembro da sala ao lado do café, do amigo que foi me dizer adeus quando fui estudar em Indiana, que guarda até hoje as aflições de uma jovem bolsista no exterior, que encorajou o meu primeiro trabalho apresentado na ANPUH e que me ajudou a concluir o doutorado, viabilizando a pesquisa documental. Enfim, é por isso que eu guardo com carinho os nossos tempos de convívio mais próximo, que foram, na verdade, de ensinamento para uma professora iniciante na

vida universitária.

E é por tudo isso que, ao meu ver, a sua trajetória acadêmica é complexa e difícil de ser analisada, pois a imagem de competência administrativa tende a sobrepujar a do professor e, sobretudo, a do historiador. Desafio difícil de enfrentar, talvez até pelo próprio homenageado como discípulo de Sérgio Buarque de Holanda, convivendo com a efervescência intelectual que cercava o mestre.

Por outro lado, a riqueza do seu currículo, que examinei com cuidado para escrever essa saudação, permite tecer os fios que ligam a sua formação com esse ambiente de vanguarda ao qual esteve vinculado e que transparece também nas escolhas dos temas de pesquisa (Partido Republicano, Imigração, Arquivos, Memória, Futebol e Cultura entre outros). Os elos desse conjunto, a princípio bastante amplo, no entanto, se entrecruzam a todo momento com a própria atividade administrativa e a sua participação em projetos coletivos e individuais. Os resultados, por sua vez, são visíveis na sua extensa produção intelectual contida em livros, coletâneas e inúmeros textos dispersos pelas revistas acadêmicas, tornando difícil uma análise completa e criteriosa desse conjunto historiográfico e que, ao meu ver, não cabe exatamente aqui, nesse momento, embora seja vital para compreender como se dá a interação entre os procedimentos utilizados na pesquisa e o cenário acadêmico vivenciado.

Por isso, o seu método de trabalho oferece a coerência necessária para o observador, o que, sem dúvida, ao meu ver, é o elemento chave para entendermos o pensamento e a postura crítica de um historiador. Mostra ainda a sua predileção por trabalhos de equipe, por iniciativas que revertam para o coletivo, especialmente organização de acervos, publicações e formação de novas gerações de estudiosos. E é a partir desse ponto que aparecem com maior clareza as marcas do desafio teórico enfrentado. Num campo de preocupações intelectuais aparentemente disperso, se concretiza uma opção racional e mesmo obstinada de ver a História, a vida universitária e o papel do historiador. E isso está

presente no estudo da mão-de-obra livre, nos inúmeros trabalhos de arrolamento e da necessidade de preservar as fontes históricas e ainda quando escreveu sobre “Os múltiplos aspectos de pesquisa”, nas coleções que planejou e executou que aqui seria impossível destacar. Também é visível na sua preocupação com os textos didáticos e com o ensino e não apenas o universitário, o que é decisivo para compreendermos em que medida entende a História como disciplina e a necessária conexão que deve ser feita entre a produção do conhecimento na universidade e a sociedade.

Como figura inquieta e carismática é aqui que o historiador descortina melhor o seu método de trabalho, é aqui que ele nos ajuda a ligar os fios da memória, das lembranças do dia a dia, das falas, dos aconselhamentos que nos levam a entender o seu perfil como intelectual e ser humano.

E é por isso que eu quero terminar como comecei – rememorando e homenageando em você o Professor, pois ao meu ver, essa imagem revela que o respeito dos seus pares foi conquistado e, sem dúvida, transcendendo a própria hierarquia universitária.

Parabéns, Professor Dr. José Sebastião Witter. Você mereceu viver esse momento.

Muito obrigada,

ENI DE MESQUITA SAMARA

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

*I*nicialmente, quero saudar os integrantes da mesa, que preside a solenidade de outorga deste título.

Meus respeitos aos senhores: Dr. Adilson Avansi de Abreu, Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, ex-diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e representando, neste ato, o M. Reitor da USP, Prof. Dr. Adolpho José Melfi; Dr. Fernando Leça, secretário particular do Governador Geraldo Alckmin e o representando nesta solenidade; Prof. Dr. Sedi Hirano, Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara, Vice-Diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira, ex-diretor da Faculdade e Professor Emérito; Prof. Dr. Jacques Marcovitch, ex-Reitor da Universidade de São Paulo; Prof. Dr. Oswaldo Luís Angel Coggiola, Chefe do Departamento de História desta Faculdade; Professor Doutor Antônio Cândido de Mello e Souza, grande mestre e, também, professor Emérito; Senhor José Clovis de Medeiros Lima, Assistente Acadêmico da Faculdade;

Além destes, nas figuras de ilustres professores, presentes neste salão nobre, prof. Dr. Alfredo Bosi, que, além de professor titular de nossa Escola é, também, o mais novo imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), prof. Dr. Carlos Guilherme Mota, José Alderaldo Castelo, outro emérito e Prof. Dr. Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, meu antecessor na

direção do Museu Paulista da USP, saúdo todos os presentes a esta solenidade. Uma saudação muito especial ao amigo e Mestre, o médico Eulógio Martinez Filho, do Incor, a quem tanto deve a minha saúde física e mental, através de quem saúdo os inúmeros amigos aqui presentes, dentre eles Ivan Borgo, de Vitória, do Espírito Santo.

Prezadas amigas, caros amigos.

Saudações...

Setenta anos de vida; cinquenta anos como professor... O tempo passou, a vida fruiu e aqui estou nesta sessão solene da (minha) congregação na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (que foi Filosofia, Ciências e Letras) recebendo um título que representa a chegada ao apogeu da minha carreira e por que não dizer, da própria vida.

Tenho dúvidas quanto ao merecimento desta distinção, porém sempre a desejei. Poucas pessoas sabiam deste meu desejo. Talvez, somente, Francis H. Aubertx e Zilda Yokoi. E ela foi a responsável inicial para que eu passasse a fazer parte deste grupo seletivo de professores: os eméritos.

Recebo o título da Faculdade onde ingressei no ano de 1958 como aluno do Departamento de História, porém creio que o título faz sentido, muito mais sentido, se pensarmos na carreira do Professor José Sebastião Witter. Iniciada em 1954, como professor primário, lá na distante Vila Moraes, um distrito de Mogi das Cruzes. Um bairro povoado por maioria significativa de japoneses e descendentes. A eles deveríamos os professores do Grupo Escolar "Benedito Borges Vieira", alfabetizar e ensinar a "ler, escrever e contar", como se dizia então... Eu me lembro da árdua tarefa de ser alfabetizador. Passados tantos anos, tantas campanhas, tantos governos ainda estamos falando, já no Século XXI, em "erradicar o analfabetismo no Brasil". É um tema que merece debate e

propostas sérias de execução a começar pela formação dos professores das chamadas “primeiras letras”, mas não somente, pois não adiantará o mestre ser melhor preparado, se a ele não se der condições dignas de vida e suportes adequados para exercer a sua tarefa.

Lembro a todos o papel das “Escolas Normais” na vida de tantos moços e moças sonhadores como eu (mas se começar a falar em ‘Escola Normal’ não terminará esta conversa). Foram elas formadoras de verdadeiros professores e educadores.

Formado professor primário, eu teria ficado na carreira, talvez chegando a diretor de Grupo Escolar, ou, até mesmo, Delegado de Ensino da rede pública estadual. Este era o ápice da carreira. Mas, na minha vida existia e existe um suporte, um apoio e um incentivo diuturno. É a minha mulher Professora Dra. Geraldina Porto Witter, a maior responsável por eu ter tentado o Vestibular na USP em dois anos seguidos: reprovado em 1957 e conquistando a vaga em 1958. Já casados, com filha de três anos, ela assumiu a liderança da empreitada e, ano após ano, fomos vencendo obstáculos. A meta: o magistério secundário. Ninguém entrava numa Faculdade ou numa Universidade pensando numa carreira universitária. Ainda mais na Universidade de São Paulo.

O diploma universitário era condição para o ingresso (com concurso) no magistério voltado para o Colégio e Ginásio. Aos portadores de diploma da Escola Normal, permitia-se o exercício da tarefa de professor secundário, a partir do Terceiro ano de Faculdade. Aí começou minha vida no chamado “Ensino Médio”.

Por desejo e intenção de Geraldina eu me candidatei a História; ela a Pedagogia. Planejávamos continuar trabalhando e vivendo na mesma cidade (naquele tempo havia concurso por união de cônjuges – uma medida importante e salutar, como tantas outras, que desapareceram nas curvas tortuosas da política nacional).

A partir do ano de 1961 e dos concursos para o magistério secundário as nossas vidas começaram a mudar.

A expansão dos cursos superiores, no Estado de São Paulo, com a

criação dos Institutos Isolados de Ensino Superior (Núcleo inicial da UNESP) acabou criando oportunidades aos jovens recém-formados. A Faculdade de Filosofia de Rio Claro abriu o nosso caminho (meu e da Geraldina) para a carreira no Ensino Superior. De lá, em tempos difíceis (os anos de chumbo da História do Brasil –entre 1964 e 1985) viemos para a USP; como assistentes.

Aqui faço uma digressão necessária porque desejo externar minha gratidão a dois professores que me deram a necessária formação acadêmica e universitária, que me permitiram chegar até aqui e, com o apoio de tantos outros (muitos deles presentes neste ato) ir, gradualmente, subindo nos degraus da carreira até atingir, pela generosidade de tantos colegas e amigos, o de *Professor Emérito* da Faculdade.

Foram eles: Eurípidés Simões de Paula e Sérgio Buarque de Holanda.

Eurípidés, ligado a Mogi das Cruzes, como o Tenente Simões (ele comandou os “pracinhas” mogianos da FEB) que, desde o início da minha vida como estudante na História, me ajudou muito. Depois de formado, foi também ele quem me indicou para ser Professor em Rio Claro. Ajudaria, ainda, em 1964, a apressar meu primeiro contrato na USP. Acabaria, através da sua *‘Revista de História’*, abrindo as portas para que eu exercitasse a difícil tarefa de escrever.

Sérgio Buarque de Holanda, ao me convidar para Assistente, ainda em Rio Claro, onde fazia uma palestra, definitivamente se transformou no meu Orientador intelectual para toda a vida, embora já o fosse desde as suas inesquecíveis aulas na graduação e pós-graduação. Continuou no Mestrado, passando pelo Doutorado; até na livre-docência sempre esteve presente. E até hoje, através da leitura e releitura constante de suas obras insuperáveis. Seria injusto não lembrar o papel de Nícia Vilela Luz, que conduziu o meu processo de Doutorado, quando da aposentadoria de Mestre Sérgio, como veemente protesto às cassações de professores, seus companheiros de USP, em 1969.

Foi, também, um incentivador da minha grande aventura, além

dos muros da USP. Muito devo a ele o encorajamento para eu aceitar a tarefa difícil de ser “Supervisor” do Arquivo Público do Estado – órgão da Secretaria de Estado da Cultura. O Secretário era Max Feffer que substituíra José Mindlin e o chefe de gabinete Antônio Soares Amora, também um dos grandes mestres da USP. Tudo foi se encaixando e a minha adaptação sendo mais fácil do que a imaginada por mim, num primeiro momento.

Aqui cabe outro registro: o nome da Prof^a. Dra. Anita Novinsky, responsável principal pela minha ida para o Arquivo. Foi ela quem se empenhou junto ao Secretário da Cultura José Mindlin e na seqüência a Max Feffer para que fosse eu o escolhido para o cargo; muitos eram os candidatos. Eu sucederia a Francisco de Assis Barbosa que, também, foi um incentivador de minha carreira.

A minha ida para o Arquivo foi uma nova porta a se abrir na minha vida. Onze anos como Supervisor me fizeram crescer muito. Era o complemento necessário àquela experiência anterior vivida em Mogi das Cruzes – como Diretor do Instituto de Educação “Washington Luís”, no mesmo ano em que começava a minha carreira na USP, como assistente do Dr. Sérgio, no Departamento de História – era 1964.

Neste ano de 1964, poucos dias depois do Golpe de Estado, meu contrato não era renovado em Rio Claro. Diziam que por minha ação política na cidade, que, como tantos outros, mas em especial Isaías Pessotti nos posicionávamos contrários às primeiras medidas do novo governo. Deixando Rio Claro, convidado por Sérgio, tinha, por questões funcionais, de assumir o meu cargo de professor secundário em Mogi. A escola vivia uma crise interna e eu, então com 34 anos, assumi o cargo de Diretor. Logo depois da “Revolução” eu era considerado um Interventor. Paradoxo: em 24 horas, eu deixara a condição de subversivo, em Rio Claro, para ser um “interventor” do Regime Militar, em Mogi das Cruzes.

O Instituto de Educação “Dr. Washington Luís” e, treze anos depois, o Arquivo Público do Estado de São Paulo foram os maiores responsáveis pela minha história como administrador acadêmico. A cada

decisão tomada nos cargos de direção, a lembrança dos ensinamentos de Ângelo Nanni (um discreto político e um grande educador mogiano) e de Eurípides Simões de Paula. A cada artigo escrito, a cada resenha feita, a cada livro publicado, a orientação segura, a mão do Mestre Sérgio Buarque de Holanda.

O tempo correu, ao lado do Professor, do orientador de tantos estudantes, fui me fortalecendo na área dos empreendimentos culturais. Dirigi, com muito apoio do Departamento de História e do Diretor da Faculdade de Filosofia, João Baptista Borges Pereira o CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História), que hoje leva o nome do Historiador “Sérgio Buarque de Holanda”. Depois de lutar como um leão para conseguir ser Diretor do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) da USP, acabei seu Diretor (1990/1994). Com pequena diferença de datas acumulei a função de Coordenador da Coordenadoria Comunicação Social (CCS), ambas atribuições, recebidas na gestão do Reitor Roberto Leal Lobo e Silva Filho. Em 1994, acabei sendo convidado pelo Reitor de então Flávio Fava de Moraes, para dirigir o Museu Paulista da USP, onde acabei confirmado, como primeiro diretor eleito (em lista tríplice) pelo Reitor Jacques Marcovitch, e onde, também, encerrei minha carreira na USP, num memorável dia 09 de novembro de 1999, data marcante, pois me desligava, aposentado, daquela que fora parte integrante de minha vida: a Universidade de São Paulo.

Agora, 4 anos depois, num mesmo mês de novembro, no ano de 2003, quando fiz 70 anos, volto a este Salão Nobre para ser homenageado com este título que me enobrece e me faz muito feliz. Ele, no entanto, deve ser dividido com um número infindável de pessoas, começando com a minha professora primária, em Guararema, que me fez amar a leitura e ler quase todo Monteiro Lobato, ainda no curso inicial, e terminando com os colegas de hoje do Departamento de História, que se lembraram do antigo professor. Não posso nunca esquecer dos meus grandes professores do “ensino médio” e da Escola Normal, e a todos os que na USP me mostraram os caminhos a serem seguidos. Não posso citar cada um, mas, quem

sabe, um dia escreverei sobre todos eles.

Nas figuras humanas de Zilda Yokoi, Anita Novinsky, Eurípides Simões de Paula e Sérgio Buarque de Holanda, o meu preito de gratidão a todos que, de um modo ou de outro, me ajudaram a estar aqui, neste momento. Não esqueço, e seria injusto se o fizesse, das mulheres que foram minhas secretárias, desde os tempos mogianos até aquela que me acompanhou nos meus últimos momentos de USP. Foram suportes fundamentais para que eu conseguisse fazer alguma coisa em cada espaço que dirigi. Não cito nomes para não errar ou cometer enganos quanto às primeiras e porque ao lembrar delas, com carinho, muito carinho, estarei incluindo nesse rol, todos os dedicados funcionários, professores e pesquisadores de todas as escolas, arquivos e museus, que tive orgulho de dirigir. Transcrevo a homenagem feita pelos funcionários do MUSEU PAULISTA DA USP (O Museu do Ipiranga, de todos os paulistanos), no momento de minha despedida. A frase, escrita sobre uma imagem fotográfica do próprio museu, com seus jardins e produzida por técnica especial, diz: “... Prof. Witter... Ontem, o senhor chegou... os anos passaram... convivendo, aprendemos a conhecê-lo, a compreendê-lo e a apreciá-lo ... e hoje o senhor vai... levando para o amanhã a nossa amizade e o nosso carinho !!!” – Funcionários do Museu Paulista / São Paulo, Dezembro de 1999. O quadro, lindo, ocupa lugar de destaque em minha casa, num espaço onde vivo muito e onde ainda produzo alguma coisa. É um incentivo constante. A amizade, essa amizade me acompanha e me mostra caminhos na nova Escola onde trabalho, a Universidade de Mogi das Cruzes – UMC -. Nela continuo a encontrar pessoas, em todos os níveis, que, ao me apoiar, me ensinam uma nova realidade. Também lá, novos amigos, na Chancelaria, Reitoria, Pró-Reitorias e professores, pesquisadores e funcionários em todos os Departamentos. Dentre estes, aquelas que me assessoram como secretárias. Sem esses apoios não teria chegado, alegre e feliz, a este momento especial.

De alguma forma, o meu próprio destino, conduziu o menino José a ser o professor Witter e a vivência entre as pequenas cidades e a

grande metrópole (o que continua a existir) não lhe permite esquecer as suas origens – origens ligadas aos “homens simples”, descendentes de imigrantes europeus, vinculados ao campo e à agricultura.

Hoje é ele, de certa forma, aquele representante da sociedade de que fala José de Souza Martins, em seu livro “A sociabilidade do homem simples”. Recorto, pretensiosamente, este trecho: “... É nos limites, nos extremos da realidade social que a indagação do cientista se torna fecunda. A explicação sociológica é incompleta e pobre se não passa pela mediação do insignificante. É nessas situações de protagonismo oculto e mutilado dos simples, do homem sem qualidade, que a sociedade, propõe ao sociólogo suas indagações mais complexas, seus problemas mais ricos, sua diversidade teoricamente mais desafiadora. São os simples que nos libertam dos simplismos. O relevante está também no ínfimo, na vida cotidiana fragmentária e aparentemente sem sentido”.

Martins é o grande sociólogo e historiador da Imigração e, muito oportuno, lembrar de seu livro “*A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*”, um livro seminal e fecundo, que permite melhor entender este Brasil de hoje.

Este Brasil, este Estado de São Paulo, a nossa metrópole; a nossa própria Universidade, que neste ato, tem no centro de atenções, descendentes de imigrantes. As etnias se sucederam, e depois da mão de obra, chamada livre, que povoou o interior de São Paulo, com os pioneiros suíço-alemães, seguidos por italianos, espanhóis, poloneses, franceses, enfim. Já o século XX trouxe os japoneses, outros orientais depois das guerras mundiais e também sírios, libaneses, judeus, que foram nos transformando no que somos. Vale ressaltar que o fenômeno migratório, no Brasil, está intimamente ligado à questão da Abolição da Escravatura. Não se pode separar a Imigração da Escravidão, se pensarmos o Brasil e sua História, a começar no século XIX. Vale, no entanto, para bem dimensionar o país, procurar, na questão da Imigração, um dos elementos a compor o extenso e profundo processo de mudanças; acima de tudo, um processo absolutamente democrático que, num primeiro momento contribuiu para a abolição da Escravidão e, de outro lado, alterou

as relações intergrupais e interpessoais e acabou facilitando a ascensão de tantos a posições diferenciadas e de destaque na sociedade contemporânea. Não cabe, neste momento, uma longa análise da questão ou uma aula que pudesse trazer à baila a problemática da imigração e dos imigrantes, mais ainda o papel deles nas transformações sócio-culturais de nosso país. Só ressaltar a questão.

E isto fica claro se nós salientarmos as pessoas que ocupam o lugar de destaque nesta mesa, além dos eméritos: Antônio Cândido, João Baptista Borges Pereira. Todos, a começar pelo Reitor atual Professor Adolfo José Melfi, no ato representado pelo Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária, Prof. Adilson Avansi de Abreu; o antecessor, Prof. Jacques Marcovitch, o Chefe do Departamento de História, prof. Dr. Oswaldo Coggiola, a vice-diretora, Eni de Mesquita Samara, o Diretor da Faculdade de Filosofia, Professor Sedi Hirano e o próprio homenageado, que, apesar de ter um nome caipira José Sebastião, é conhecido pelo sobrenome, Witter, cuja ascendência é alemã por parte de pai, e calabresa por parte de mãe.

O prudente seria encerrar por aqui, porem peço licença para recortar algo dos escritos de Eurípedes Simões de Paula e de Sérgio Buarque de Holanda.

Comecemos por Eurípedes: *“Compreendendo a História como ‘Ciência do Homem’, segundo o conceito de Lucien Febvre, estamos certos de que não nos faltará também o apoio de quantos, no âmbito universitário ou fora dele, cuidem de assuntos de fundo histórico. A largueza de nosso campo de ação permitirá, sem dúvida, o acolhimento de trabalhos sobre quaisquer dos setores da História: econômico, social, político, religioso, literário, filosófico e científico.*

Para sintetizar tão largo programa, precisávamos, evidentemente, para a nossa Revista, de um designativo capaz de afastar, desde logo qualquer preocupação restritiva. E foi graças a gentileza do nosso eminente colega, Prof. Fidelino de Figueiredo, que pudemos satisfazer inteiramente aos nossos desejos, adotando a denominação: REVISTA DE HISTÓRIA. Consentiu o ilustre Professor que retomássemos o prestigioso título de uma sua antiga publicação (1912-

1928), e nós, congratulando-nos com isso, toma-la-emos como modelo da nossa, pondo desde já ao serviço de todos os Homens de Boa Vontade, a nova 'Revista de História' (volume I, número 1, São Paulo, 1950).

De Sérgio Buarque de Holanda, vou ressaltar um trecho, retirado de seu "Raízes do Brasil", um livro sempre atual. Mas, antes de Sérgio, Antônio Cândido, que fez um prefácio antológico sobre 'Raízes', e a partir de sua publicação passou a fazer parte de todas as edições do livro. Dele estas passagens: "...Um de seus pressupostos, talvez o fundamental, é a passagem (de Sérgio) do rural ao urbano, isto é, ao domínio da cultura das cidades, que tem como consequência a passagem da tradição ibérica ao novo tipo de vida, pois aquela dependia essencialmente das instituições agrárias. Tal processo consiste no ' aniquilamento das raízes ibéricas de nossa cultura para a inauguração de um estilo novo, que crismamos talvez ilusoriamente de americano, porque seus traços se acentuam com maior rapidez em nosso hemisfério'. Esta transformação tem como episódio importante a passagem da cana- de açúcar ao café, cuja exploração é mais ligada aos modos de vida modernos." [...] " Para nós , há trinta anos atrás (este escrito é de dezembro de 1967), Raízes do Brasil trouxe elementos como estes, fundamentando uma reflexão que nos foi da maior importância. Sobretudo porque o seu método repousa sobre um jogo de oposições e contrastes, que impede o dogmatismo e abre campo para a meditação de tipo dialético." E, agora, Sérgio Buarque de Holanda: "... Se no terreno político e social os princípios do liberalismo têm sido uma inútil e onerosa superfetação, não será pela experiência de outras elaborações engenhosas que nos encontraremos um dia com a nossa realidade. Poderemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo esquemas sábios e de virtude provada, mas há de restar um mundo de essências mais íntimas que, esse, permanecerá sempre íntato, irredutível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso próprio ritmo espontâneo, à lei do fluxo e refluxo, por um compasso mecânico e uma harmonia falsa.[...] As formas superiores da sociedade devem ser como um contorno congênito a ela e dela inseparável: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas. Há, porém, um demônio pérfido e pretensioso, que se ocupa em obscurecer aos nossos

olhos estas verdades singelas. Inspirados por ele, os homens se vêem diversos do que são e criam novas preferências e repugnâncias. É raro que sejam das boas."

Ao voltar ao fragmentário do cotidiano, desde 1999, hoje sou simplesmente o cronista, que recolhe o ínfimo e o insignificante para, somando-os ao 'concreto', tecer um manto tênue da vida social e urbana de Mogi das Cruzes, na esperança de deixar elementos diversos e dispersos para o bom uso de novos historiadores, sociólogos, cientistas deles se utilizarem para melhor "explicar" a nossa complexa natureza humana. Esta me faz, neste momento, lembrar de dizer muito, muito obrigado à atual direção do Departamento de História, aqui representada pelo seu Chefe Oswaldo Coggiola; à Congregação da Faculdade, que referendou a proposta, meu agradecimento comovido; ao diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Sedi Hirano, por tantas demonstrações de apreço e amizade, obrigado; à minha sempre aluna Eni Mesquita de Samara, atual vice-diretora da nossa Escola e cuja saudação me fez melhor do que sou, agradecer é pouco e, por fim, um obrigado muito particular e especial aos meus familiares, muitos aqui presentes, desde o núcleo central (composto por Geraldina, filhos, genro, noras, agregados, netos) até os sobrinhos, sobrinhos - netos, sobrinhos bisnetos, tios e tias, meus pais, sogros, avós, enfim..., o mais profundo e comovido reconhecimento pelo quanto fizeram, ao longo destes meus setenta anos de vida, para que eu fosse o homem feliz que tenho sido.

Isto tudo e o muito não explicitado me leva a dizer, com Fernando Pessoa:

"Entre o sono e o sonho
Entre mim e o que em mim
E o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim"

E por último e derradeiro, com Paulo Bonfim, o príncipe dos poetas:


"Ao longe, uma chuva fina

Molha aquilo que não fomos”

Muito obrigado a todos.

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

CONSIDERAÇÕES FINAIS

 com imenso prazer que eu presidi esta cerimônia de outorga do título de professor Emérito ao nosso queridíssimo, eminente e valioso patrimônio desta Faculdade, em termos de sua produção e sua presença como docente e como pesquisador. Era isso o que eu queria dizer, muito obrigado.


PROF. DR. SEDI HIRANO

DIRETOR

**CARTA AO PROF. JOSÉ SEBASTIÃO WITTER, NOVO
PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO, ENVIADA PELO DR. EULÓGIO EMÍLIO
MARTINEZ FILHO.**

São Paulo, 26 de janeiro de 2004.

Prezado
Professor Witter

 emocionante solenidade de outorga do título máximo despertou em mim a coragem de realizar o desejo antigo de escrever sobre a alegria de ser seu amigo, sobre a emoção que sentimos, Tania e eu, ao lermos o artigo do casamento de nossa filha, neste Jornal, sobre quanto nos honrava a maneira como você escancarava o Museu para nossos amigos; o quanto nos privilegiava com as edições do Arquivo, com os convites para as noites de autógrafo e para as solenidades da brilhante carreira acadêmica.

Faltava coragem porque muitos intelectuais tem escrito sobre você e eu não gosto de que me comparem em situação de inferioridade. A inibição servia para ocultar a vaidade. Porém, se os desafinados também têm um coração, como canta o João Gilberto, os incultos também tem o direito de escrever desinibidamente sobre suas emoções.

Foi sempre fácil admirar em você o caráter empreendedor, a capacidade de aglutinar pessoas para objetivos elevados, o respeito aos humildes, o amor às letras, à cultura e ao Brasil, a dedicação à Cátedra e tantas qualidades enaltecidas durante a Solenidade.

Escrevo agora, ao reler o Discurso, encorajado por nele ter encontrado três características a meu ver não apontadas nos discursos e nos artigos escritos sobre a sua carreira e que contribuem para a explicação da singular vibração e unanimidade nos festejos de suas tantas conquistas.

A primeira das tais características é o sentido de missão. Nunca, para você, os passos da carreira foram degraus para a ascensão na vida acadêmica, que aconteceu como decorrência natural das tantas realizações, tendo você se mantido sempre acima da competição por títulos e cargos, ocupado que sempre estive em desincumbir-se das missões de cada hora, realizando, agregando e liderando pelo exemplo.

Assim, no Discurso, você se refere com emoção ao alfabetizador do distrito humilde de Mogi das Cruzes, quando egresso da antiga Escola Normal, sobre a qual nem quis falar, para que o Discurso nela não se resumisse...

Fica óbvio que esse cargo humilde despertou em você o mesmo entusiasmo que se viu no Museu, no Arquivo, no IEB, na Faculdade.

Você se refere à árdua tarefa de ser alfabetizador. Disse um sociólogo americano que “o professor se liga à eternidade porque ele nunca sabe onde cessa a sua influência”. Imagino o que representa a imagem do jovem professor Witter nos corações de tantos homens e mulheres que com ele aprenderam a “ler, escrever e contar”.

A segunda característica é o horror à mistificação, uma forma de amor à verdade.

Que outro cientista, reconhecido como dos maiores intelectuais do país, no momento mais solene iria lembrar que foi a mulher a responsável pelo ingresso na carreira, e que foi reprovado no primeiro vestibular?! É só ler o Fernando Pessoa do “nunca conheci quem tenha levado porrada...”

É natural, é “humano”, que nesses momentos solenes se mencio-

nem os sucessos da carreira e que no máximo se repartam as homenagens com amigos que tenham contribuído para os grandes feitos.

Esse amor à verdade, esse horror à mistificação, tem de ter contribuído para a respeitabilidade da obra do historiador desengajado, erudito, emérito.

A terceira característica é a gratidão. O Ribaldo, lá pro final do grande Sertão (pg 412) indaga afirmando:

“Ingratidão é o defeito que a gente menos reconhece em si?”.

É mais uma fantástica verdade do grande Guimarães Rosa. Todos nós nos reconhecemos eventualmente egoístas, covardes, injustos, gulosos, preguiçosos, mas nunca ingratos. Daí o grande apreço que sentimos pelos que, como você, têm o dom da gratidão.

Não é necessário que se mencione a quase veneração que você tem pelo Sérgio Buarque de Holanda. É lógico que ele é merecedor de todas as homenagens. Más é também “humano” que o discípulo queira superar o mestre. Você, mesmo quando agraciado com o título máximo, faz questão de enaltecer o Eurípedes Simões de Paula e de se colocar como um eterno discípulo do Sérgio: “A cada artigo escrito, a cada resenha feita, a cada livro publicado, a orientação segura, a mão do Mestre Sérgio Buarque de Holanda”.

Talvez tenha sido este o momento mais emocionante e a maior lição do Discurso: a tão propalada e sempre esquecida gratidão aos mestres.

Assim, acredito que o sentido de Missão, o Horror à Mistificação e a Gratidão sejam qualidades que tenham contribuído para a alegria unânime nos festejos de suas conquistas. Que outros expliquem a aura de sinceridade, paz interior, modéstia, bondade e sabedoria que emana de seu sorriso amigo.

Um abraço do

DR. EULÓGIO EMÍLIO MARTINEZ FILHO

DIRETOR DA HEMODINÂMICA DO INSTITUTO DO CORAÇÃO - INCOR/USP

<i>Título</i>	Outorga do Título de Professor Emérito a José Sebastião Witter
<i>Editoração/Criação</i>	Serviço de Divulgação e Imprensa – SDI
<i>Coordenação</i>	Eliana Bento da Silva Amatzuzi Barros - MTB 35814
<i>Diagramação</i>	Dorli Hiroko Yamaoka - MTb 35815
<i>Formato</i>	15 x 21 cm
<i>Impressão e Acabamento</i>	Gráfica FFLCH/USP
<i>Tiragem</i>	350 exemplares